



Indústria da moda sob as perspectivas social e econômica

Antônio Elias

Emanoela Bastos

Giovanna Sousa

Resumo

O conceito de moda é um importante constructo da constituição social da humanidade. Ela evoluiu, adaptou e moldou as principais nuances sociais de diferentes épocas e grupos sociais. Economicamente, a moda sempre serviu em várias culturas como meio de estratificação social e do apogeu de sua indústria derivaram-se diversas adversidades socioeconômicas também encontradas em outros setores.

Palavras-chaves: moda, indústria, socioeconômica, sustentabilidade, valor.

Abstract

The concept of fashion is an important construct of humanity's social constitution. It has evolved, adapted, and shaped the main social nuances of different times and social groups. Economically, fashion has always served in various cultures as a means of social stratification and by the height of its industry has derived various socioeconomic adversities also found in other sectors.

Keywords: fashion, industry, socioeconomic, sustainability, value.

1. Introdução

A moda tem sido por muitos séculos parte estruturante da constituição social da humanidade. Através de diversas gerações, ela evoluiu, se modificou e adaptou para atender e representar as principais características de cada época. Dentro desses contextos históricos, a moda sempre serviu em várias culturas como meio de estratificação social, representação comunitária, demonstração religiosa e caracterização de indivíduos ou grupos específicos (KO; LEE, 2011).

Para tanto, dada a importância desse segmento de consumo e sua presença constante na história da humanidade - com o apogeu das grandes revoluções da indústria no século XVIII - a organização da produção de roupas, acessórios e vestimentas no geral adquiriu um caráter muito mais organizado e específico que



passou a visar de maneira mais ferrenha que em períodos anteriores o lucro e o crescimento do potencial de produção médio do setor (KO; LEE, 2011).

A moda perdeu seu caráter adaptativo e logo os indivíduos passaram a se adaptar às tendências, cada vez mais rápidas e menos sustentáveis. A indústria por si só foi moldada em determinantes de crescimento contínuo e não sustentável. Uma base exploratória foi formada por mão-de-obra barata, insumos em grande quantidade e mecanismos de produção cada vez mais sofisticados (KO; LEE, 2011).

As consequências dessas mudanças vem, entretanto, surgindo de maneira quase tão rápida quanto a velocidade com a qual a indústria da moda lança uma nova tendência (KO; LEE, 2011).

2. Panorama Geral da Indústria da Moda

A utilização de vestimentas e o surgimento da moda, a princípio como meio de distinção de gênero e classe social, está intrinsecamente correlacionada com a história da humanidade. Estando condicionada à representação figurativa das mais antigas civilizações, servindo de reflexo de marcos de períodos históricos e revoluções sociais.

Não há consenso no que diz respeito ao surgimento de vestimentas, mas historiadores acreditam que vestes compostas por pele de animais têm origem no período pré-histórico. O uso dessas vestimentas está associado à necessidade do homem de se proteger frente aos fatores climáticos, vegetação da época e a crença de que a pele dos animais, os atribuiria à bravura dos mesmos⁴⁵.

Com o passar dos séculos, os fatores contidos na necessidade do uso de vestes modificaram-se transpassando por: Consciência da nudez, representação da vestimenta como forma de proteção, tradição, ritos sagrados, distinção entre as classes sociais e gêneros.

“Era impossível distinguir um menino de uma menina antes dos quatro ou cinco anos, e esse hábito se fixou de maneira definitiva durante cerca de dois séculos. Por volta de 1770, os meninos deixaram de usar

⁴⁵ Stefani, Patrícia: Moda e Comunicação: A Indumentária como forma de Expressão. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/PSilva.pdf>>



o vestido com gola aos quatro-cinco anos. Antes dessa idade, porém, eles eram vestidos como meninas, e isso continuaria até o fim do século XIX: o hábito de efeminar os meninos só desapareceria após a Primeira Guerra Mundial, e seu abandono deve ser relacionado com o abandono do espartilho das mulheres: uma revolução no traje que traduz a mudança nos costumes.”

(Ariès, P. 1981, p.78, apud Trinca, Tatiana, 2004, p.49)

O conceito inicial de “moda”, originou-se no período renascentista, mas tomou forma durante a Revolução Industrial Inglesa. Esta introduziu o processo de mecanização das atividades, com a utilização de máquinas a vapor na indústria têxtil, modificando as relações de trabalho. Outras tecnologias, desenvolvidas com o passar do tempo, a serem citadas são: emprego do aço e a utilização da energia elétrica e de combustíveis derivados do petróleo, que possibilitaram a produção em massa, em menor tempo. Por fim, avanços tecnológicos nos meios de transporte, possibilitaram maior e melhor escoamento de mercadorias, bem como a expansão do comércio e a modificação nos padrões de consumo.

A indústria da moda, atualmente, permeia os âmbitos socioculturais, econômicos e constitui-se como a terceira maior atividade econômica global, pautada na produção serial em larga escala, obsolescência programada e na fragmentação distributiva. Ademais, teve início em 1920, quando se iniciou a crescente onda do consumismo “com a publicidade, a moda, a mídia de massa e, principalmente, o crédito [...] com o crédito tornou-se possível satisfazer imediatamente todos os desejos.” (LIPOVETSKY, 2005, p.64, apud Caraciola, Carolina, 2015, p.1).

Os contínuos avanços tecnológicos e científicos na indústria, comércio, prestação de serviços, em conjunto com a globalização e a ampliação da demanda pela moda auxiliaram na produção em larga escala e na aproximação das relações comerciais entre os países, originando novos métodos de fabricação modernos que envolviam: rapidez, estilo, qualidade e baixo preço. Com intuito de reduzir gastos com mão de obra e aumentar a capacidade produtiva, grandes marcas deslocaram suas fábricas para o continente asiático.



“Cadeias de grande distribuição, como a espanhola Zara, [...] e a sueca H&M, adotaram um novo modelo de produção e distribuição em que conceitos e formas que outrora eram exclusivos de produtos de alta classe são hoje propostos a um público de massa. Muitas vezes a produção efetua-se na Ásia ou na América Latina, a fim de reduzir os custos ao mínimo. Isto não é uma novidade, dado que as marcas de vestuário de massa [...] seguem há muito tempo a estratégia de oferecer preços competitivos deslocando a produção para países fora da Europa. O que é novo é que a moda rápida imita o luxo e a couture, seguindo a ideia das passarelas e realizando-as em versões a baixo custo num período de poucas semanas.”

(RIELLO, 2012, p. 122, NT, apud Caraciola, Carolina, 2015, p.12).

Atualmente, o modelo industrial vigente, no ramo da moda é conhecido como fast fashion. Esse modelo fomenta alterações cada vez mais rápidas nas tendências da moda, tornando-a globalizada, mas criando um sentimento de unicidade: "Apesar de serem produzidas peças iguais em larga escala, a distribuição das peças é fragmentada entre os países para dar a sensação de exclusividade aos consumidores. Isso significa que poucos modelos da mesma peça chegam em uma mesma loja." Legnaioli, Stella [2018]⁴⁶. Além disso, o "fast fashion" baseia-se fundamentalmente na produção de modelos de baixa qualidade, de maneira a criar um ciclo vicioso de uso e descarte de peças.

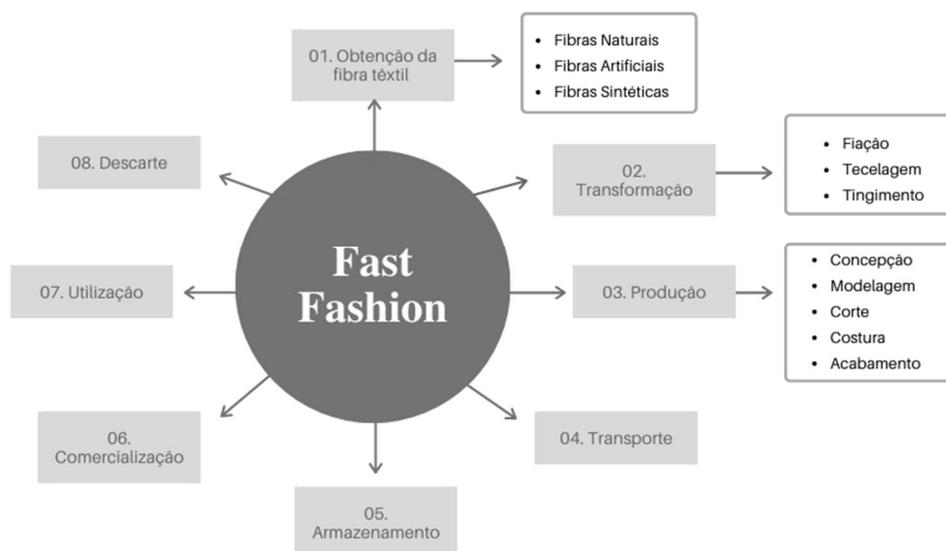
A demanda crescente desta indústria está relacionada ao modelo de produção linear das grandes marcas, que não mais geram tendências sazonais, mas sim constantes. Logo, suas ofertas consecutivas, atreladas às novas mídias sociais, instituem desejos íntimos e coletivos, embasados em um senso de pertencimento social, que está contido no que se veste.

Figura 1: Modelo de Mercado Serial da Indústria da Moda

⁴⁶ Legnaioli, Stella. Criadora de conteúdo do site Ecycle. Disponível em <<https://www.ecycle.com.br/5891-fast-fashion>>. Acesso em: 4 de agosto, 2020



Modelo de Mercado Serial da Indústria da Moda



47

Fonte: Associação Brasileira da Indústria têxtil e de Confeccões - ABIT Elaboração: Emanoela Bastos

O modelo de mercado serial da indústria da moda induz o consumidor a não identificar com clareza os processos industriais e nem mesmo sua contribuição, para que o ramo da moda tenha se tornado uma das indústrias que mais poluem. Segundo McArthur, Ellen (2017) “de toda a produção de vestuário mundial, menos de 1% é reciclado e 85% acabam nos aterros sanitários. O custo monetário da má utilização do setor de vestuário, com roupas pouco usadas e não recicladas, chega a 500 bilhões de dólares. Se nada mudar, em 2050 a indústria da moda consumirá um quarto do orçamento de carbono do mundo. Além de ser um desperdício, o setor é poluente: as roupas liberam meio milhão de toneladas de microfibras no oceano a cada ano, o equivalente a mais de 50 bilhões de garrafas plásticas. As microfibras são provavelmente impossíveis de limpar e podem entrar nas cadeias alimentares.”

3. Estrutura Socioeconômica

⁴⁷ ABIT. Disponível <<https://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Servico/114256.pdf>>



A indústria da moda na contemporaneidade, é altamente lucrativa. Conforme o estudo da Fundação Ellen McArthur ‘A New Textiles Economy: Redesigning Fashion’s Future’ (2017), a produção de roupas dobrou nos últimos 15 anos, por conta da ascensão da classe média e pelo aumento das vendas desse setor em países desenvolvidos. Sendo estimada em U\$ 3 bilhões, essa indústria representa 2% do PIB global e detém uma força de trabalho de 3.384,1 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo a Fashionunited.

O processo de terceirização de obtenção da fibra têxtil, transformação e produção, por parte de grandes empresas de moda, para países onde estas possam ser menos custosas, consegue ser identificado no documentário “The True Cost (2015)”, do diretor Andrew Morgan, onde se exemplifica, segundo Tanji, Thiago (2016) “que na década de 1960, 95% das roupas vendidas nos Estados Unidos eram fabricadas em território norte-americano, enquanto hoje esse percentual não passa de 3%.”

A estrutura econômica da indústria da moda está integrada na cadeia de produção têxtil. Com relação a esse setor de mercado, a moda brasileira destaca-se como a quarta maior produtora de malhas do mundo, sendo a segunda maior empregadora da indústria de transformação, detendo da produção média têxtil de 1,2 milhões de toneladas e trata-se da maior Cadeia Têxtil completa do Ocidente, segundo dados da ABIT- Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção.

Figura 2: Setores Têxtil e de Confecção no Brasil - Produção e vendas



. Fonte: Instituto C&A, p.2. ⁴⁸

Figura 3: Relevância Setorial - (Instituto C&A, p.3) ⁴⁹



⁴⁸ Instituto C&A, Série de Dados e Fatos - Indústria da Moda. Disponível em: <<https://institutocea.org.br/pt/results/publicacoes-pdf/serie-dados-e-fatos-1-industria-da-moda-v4.pdf>> Acesso: 09 de agosto, 2020.

⁴⁹ Instituto C&A, Série de Dados e Fatos - Indústria da Moda. Disponível em: <<https://institutocea.org.br/pt/results/publicacoes-pdf/serie-dados-e-fatos-1-industria-da-moda-v4.pdf>> Acesso: 09 de agosto, 2020.



Segundo a OIT - Organização Internacional do Trabalho, a mão de obra da indústria têxtil mundial, compreende entre 85% a 90% da força de trabalho feminina. Setor industrial ao qual as mulheres enfrentam uma disparidade salarial de 39%, em comparação com os homens para o mesmo emprego. Agrega-se a isso, a condição de que essas mulheres trabalham em jornadas mais extensas, em alguns casos, tem de levar seus filhos, seja para acompanhá-las ou exercer funções, a fim de que sejam remuneradas.

A escravidão moderna no ramo da moda, que compreende não somente o trabalho em indústrias têxteis de grande porte, bem como, confecções, campos de plantio de fibras têxteis e comércios varejistas, conta com cerca de 40 milhões de pessoas em situações insalubres de trabalho, segundo a OIT - Organização Internacional do Trabalho.

Conforme a pesquisa “The Global Slavery Index” (2018), da fundação Walk Free, a moda é a segunda categoria de exportação que mais explora o trabalho forçado. Aproximadamente 71% da mão de obra explorada no mundo é feminina. Com relação ao Brasil, a fundação, analisa cerca de 369 mil escravos modernos, 1,8 a cada mil habitantes.

No cenário em que está inserida a indústria da moda, com jornadas excessivas, alojamentos precários e exploração da mão de obra, o trabalho infantil, apresenta-se como mais uma grave consequência, desse modelo de mercado. Fundamentado nos estudos realizados por iniciativa da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2015), essa identificou que quase três milhões de crianças e adolescentes que trabalham no Brasil, 114 mil (3,8%) estão na indústria têxtil.

A utilização de mão de obra infantil, precariedade das instalações e salários abaixo do nível aceitável, não é somente um reflexo da indústria têxtil brasileira, como também da indústria mundial. Se estendendo, primordialmente, ao continente asiático



que detêm de mais de 65 milhões de operários na indústria de vestuário⁵⁰, dispendo da maior parte de sua produção voltada para exportação, segundo o ONU News⁵¹.

4. Ótica da Economia Asiática

Ao analisar as demandas e consequências da atuação da indústria da moda no continente asiático é comum que acadêmicos se utilizem da ótica ocidental⁵² no qual os múltiplos indivíduos de um mesmo segmento são independentes e o coletivo é dotado de força na relação empregado-empregador (KO; LEE, 2011). Para esmiuçar os pontos cernes da cadeia de produção de vestimentas no ambiente da Ásia usar-se-á conceitos recentemente utilizados em artigos e papers que retomam a análise pela ótica de produção dos países do continente.

5. Hierarquia de Valor

The Value Hierarchy (A Hierarquia do Valor) não é um termo novo dentro do escopo de estudos na Ásia - originalmente citado no texto⁵³ elaborado por Yangming Zhang, Jiayin Qi, Huaying Shu e Jiantong Ca para a 2007 IEEE *International Conference on Systems, Man and Cybernetics*, só tem desenvolvida a ideia a ser trabalhada neste artigo posteriormente com a série de estudos sobre os impactos da indústria da moda publicados no ano de 2011 com Eunju Ko e Seulgi Lee. As escritoras tratam hierarquia do valor como um espécie de índice de qualificação baseado em diversos fatores econômicos, políticos e sociais, os quais se destacam: renda da mão-de-obra, lucro líquido do setor, IDH⁵⁴ e índices que medem a força dos sindicatos de trabalhadores (KO; LEE, 2011).

A principal conclusão que pode ser extraída do resultado é referente à dependência dos empregados das vagas que ocupam e a dependência das empresas

⁵⁰ Fabricantes de vestuário da Ásia somam altos prejuízos por causa da Covid-19. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/10/1730352>>
Acesso em: 15 de novembro, 2021

⁵¹ Fabricantes de vestuário da Ásia somam altos prejuízos por causa da Covid-19. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/10/1730352>>
Acesso em: 15 de novembro, 2021

⁵² Análise baseada nos estudos agregados pelas vertentes teóricas de autores ocidentais (LAPLANTINE, 1998).

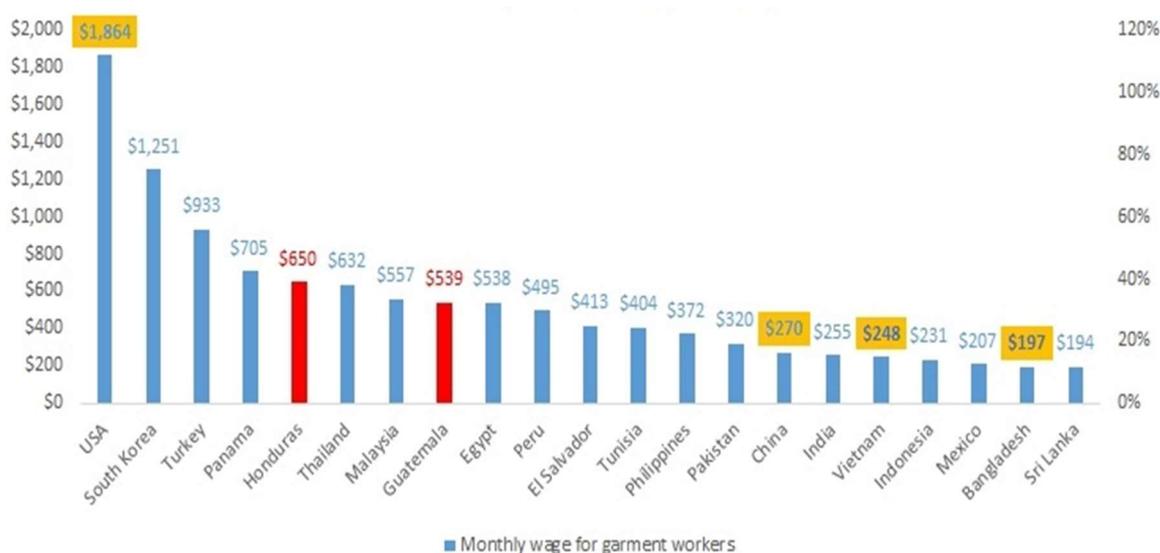
⁵³ *Personalized product recommendation based on customer value hierarchy* (ZHANG; QI; SHU; CA, 2007)

⁵⁴ Índice de Desenvolvimento Humano (MANKIW, 2009).



asiáticas das grandes marcas de vestimentas, acessórios e afins - geralmente sediados em países mais ricos e com mão-de-obra mais qualificada e conseqüentemente mais cara (KO; LEE, 2011). Ao lançar luz sobre a situação dos trabalhadores do setor de vestimenta nos países da ásia, a maioria absoluta possui baixo grau de instrução, renda igual ou menor à média nacional e pouco ou nenhum acesso à serviços básicos como saúde, educação, saneamento básico e lazer (KO; LEE, 2011). Neste ponto, essas pessoas tornam-se parte do sistema de dependência o qual sem grande perspectiva de novas oportunidades de emprego, submete-se à vagas com baixos salários e péssimas condições de trabalho (KO; LEE, 2011).

Minimum Monthly Wage for Garment Workers in 2017 (measured in US\$ PPP)



FONTE: Public Radio International (PRI), 2017.

A maior parte dos países asiáticos (e aqui abre-se o escopo para alguns da América Latina) possuem uma remuneração média que pode chegar a ser até 10% da remuneração média total de um país rico como os Estados Unidos e a Coréia do Sul (Public Radio International, 2017). No ambiente em questão, de salários base muito ínfimos, o sindicatos se tornam de extrema importância no que tange a luta pela



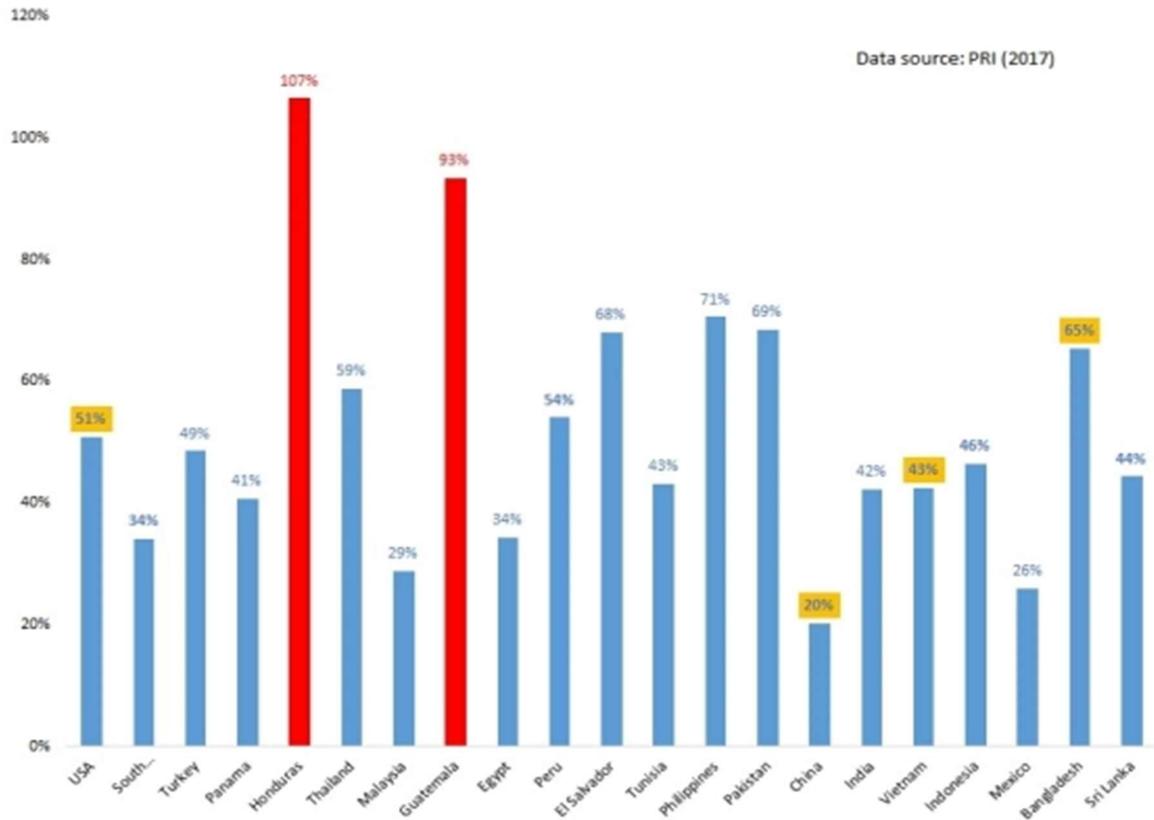
equalização dos mesmo dada a PPC⁵⁵ (KO; LEE, 2011). Todavia, os sindicatos são altamente reprimidos na maioria dessas nações tendo em vista o caráter autoritário ainda instaurado no governo desses países que perdura por anos e em muitos casos carrega resquícios do período da Guerra Fria (KO; LEE, 2011).

Estatísticas da *Public Radio International (PRI)* mostram que os trabalhadores do setor de vestuário em muitas partes do mundo ganham muito menos do que a média nacional (Public Radio International, 2017). No entanto, um nível salarial mais alto em termos absolutos não significa necessariamente um salário mais decente (KO; LEE, 2011). Embora os trabalhadores do setor de confecções nos Estados Unidos aparentemente ganhem muito mais do que seus pares em outras partes do mundo, o nível salarial, no entanto, era de apenas 51% do salário médio nacional dos EUA (Public Radio International, 2017). Da mesma forma, embora os trabalhadores do setor de confecções em Honduras ganhem apenas US \$650 por mês, esse valor era de aproximadamente 107% do salário médio nacional no país (Public Radio International, 2017).

⁵⁵ Teoria da Paridade do Poder de Compra (MANKIOW, 2009).



Wage for Garment Workers as a Percent of National Average Wage in 2017 (measured in US\$ PPP)



FONTE: Public Radio International (PRI), 2017.

Ao centralizar o foco não mais sobre os trabalhadores mas agora sobre a própria interdependência entre os mercados pode-se observar como as empresas sediadas em países mais ricos se beneficiam de toda a estrutura de produção e consumo (KO; LEE, 2011). A concorrência entre as grandes redes de lojas de departamento faz com que estas comecem uma verdadeira batalha pelo menor preços de seus produtos para atrair clientes (KO; LEE, 2011). Como mostrado no documentário *The True Cost* (2015) é possível notar que existe uma grande oferta de empresas de confecção de peças de vestuários para um número relativamente modesto de empresas que demandam essas peças para venda e que em maioria estão sediadas no Ocidente (MORGAN, 2015). Essa lógica de mercado torna os proprietários dessas confecções altamente dependentes dos valores impostos pelas grandes redes e cria um ciclo vicioso que impede a implantação



de processos de produção mais efetivos e tecnológicos e que propiciem melhor qualidade de trabalho, além de salários maiores (MORGAN, 2015).

6. Consequências Intermediárias

Diversas consequências podem ser apontadas como geradas pela deturpação da capacidade competitiva dos mercados. A primeira delas é o retardo do desenvolvimento econômico dessas comunidades tendo em vista o alto grau de dependência dos setores de confecção (ELROD, 2017). Ao privar os membros ativos economicamente de certo grau de salário que seria considerado o mínimo para as condições básicas de subsistência cria-se um *loop* entre as gerações que acabam não obtendo grau significativo de melhora da qualidade de vida com relação à geração anterior (ELROD, 2017). Esse aspecto é fruto da incapacidade dos indivíduos de, através da sua renda, investirem em saúde, educação, lazer e outros artifícios que aumentam os índices de qualidade de vida (ELROD, 2017). A incapacidade dos Estados em oferecer o grau mínimo desses direitos também contribui para essa espécie de estagnação social que nada mais é que o baixíssimo nível de crescimento de índices de desenvolvimento econômico (ELROD, 2017).

O baixo nível de renda também é tratado na forma de *gaps* temporais de crescimento de renda (PAL; GANDER, 2018). Os *gaps* representam o espaço temporal em que o crescimento da renda do setor se mantém abaixo do crescimento da renda nacional (PAL; GANDER, 2018). Cria-se um espaço prático onde os sujeitos que vivem da renda do setor de vestimenta, no médio prazo, ganham poder de compra mais lentamente que a média dos outros setores e acabam afetando a própria média (PAL; GANDER, 2018).

Paradoxalmente, surge a questão do impacto ambiental sobre as sociedades de base, que são as localidades que acabam por receber as peças após a utilização primária (PAL; GANDER, 2018). Além das questões que envolvem o alto consumo de água, a utilização de peles de animais e a poluição do ar, muito tem se discutido sobre a poluição do solo nos países que acabam recebendo toneladas de roupa em forma de doação ou descarte (PAL; GANDER, 2018). A América Latina, o principal destino das roupas consumidas pelos norte-americanos nos últimos anos, teve sua rede de lojas de vestimenta suprimida em mais de 40% na última década (PAL; GANDER, 2018).



7. Crescimento Zero

Entre as consequências diretas do processo de produção, consumo e descarte em massa - o qual se insere os meios de funcionamento da indústria da moda associada ao *fast fashion* - e acima do essencial para sobrevivência em pleno estado de bem-estar da população humana surge a ideia de crescimento zero - linha de pensamento que ganhou fama com o Clube de Roma e apresentou uma série de estudos liderados pelo “Limites do Crescimento” elaborado por Dennis Meadows em 1968 - voltou em voga e gerou uma série de discussões sobre qual é o máximo que o planeta pode aguentar e até que ponto os indivíduos são responsáveis por sua falência considerando os moldes de consumo e produção da maior parte da população desde o início do século (MUKHERJEE, 2015).

A. Sobrecarga do Planeta

Para analisar qual o *break point* para o crescimento existe um índice que demonstra a velocidade com que esses eventos podem estar se aproximando é o índice de sobrecarga do planeta que todo ano demonstra o período do ano no qual se deu o esgotamento de recursos naturais do planeta (WWF Brasil, 2019). Ou seja, a humanidade entrou “no vermelho” na relação de utilização de recursos naturais, mais foi consumido do que produzido ou recuperado (WWF Brasil, 2019). O esgotamento vem ocorrendo cada vez mais cedo e no ano de 2019 ocorreu em Julho, na metade do ano (WWF Brasil, 2019). O cálculo da sobrecarga é feito medindo a quantidade de recursos naturais biológicos renováveis que são utilizados para manter o atual padrão de consumo da população mundial. Nessa equação são somadas as áreas que são necessárias para o provimento dos recursos renováveis utilizados e as áreas que são necessárias para o processo de absorção de resíduos. Para tanto é utilizada uma unidade de medida, sendo ela o hectare global (gha), que dá a média mundial para terras e águas produtivas no período de um ano.

8. Perspectivas na Indústria da Moda

Economia Circular



Devido aos grandes impactos causados pelo modelo produtivo atual mencionados anteriormente, acadêmicos de diferentes ramos começaram a buscar novos meios de consumo que reduzissem as externalidades negativas, em ambos os âmbitos ambiental e social. Entre os que mais atingiram o público e o debate digital está o da Economia Circular, que tem se mostrado bastante promissor.

Conforme mostra a Ellen Macarthur Foundation (2013), o sistema produtivo atual é baseado em um modelo linear, no qual as companhias extraem a matéria prima da natureza, a usam para produzir a própria mercadoria e a vendem ao consumidor, o qual, após o uso, a descarta. Esse modelo é conciliado com o conceito de Obsolescência Artificial, mostrada por Assumpção (2017) como o estabelecimento de um desgaste previsível de um produto por meio do uso de materiais ou acabamentos de qualidade reduzida, o qual visa essa deterioração intencional do produto comercializado para que sejam vendidos mais exemplares do bem. Tal combinação de fatores é responsável por grandes desperdícios de bens naturais e poluição, como mostrou o documentário *The True Cost*, no qual é demonstrado que, apenas nos Estados Unidos são gerados mais de 11 milhões de toneladas de lixo têxtil por ano.

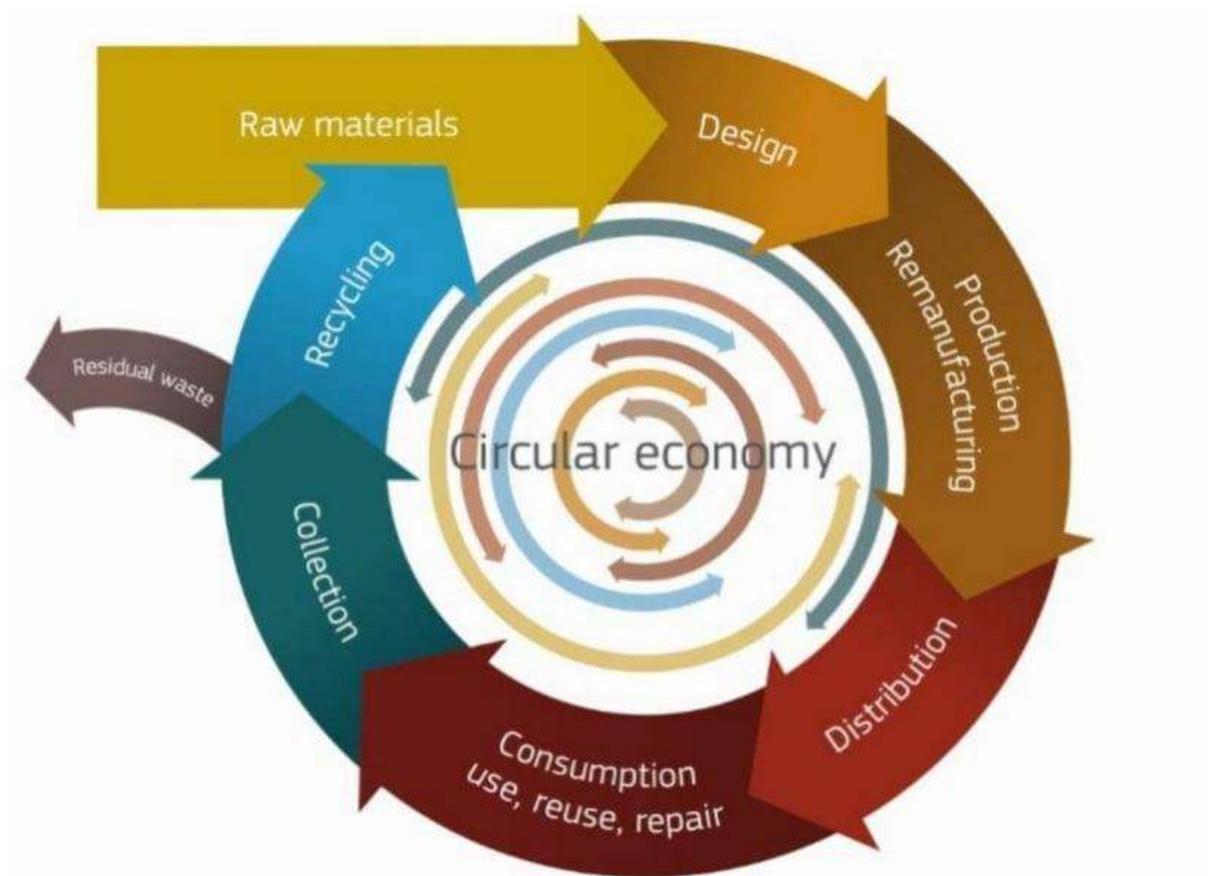
Dentro do espectro das possibilidades que as indústrias e firmas podem adotar para enquadrar-se em um modelo de negócios mais sustentável, encontra-se a Economia Circular. Trata-se de um modelo baseado no pensamento “Cradle to Cradle” (do berço ao berço), o qual

“Surge em oposição à ideia de que a vida de um produto deve ser considerada ‘do berço ao túmulo’ – uma expressão usada na análise de ciclo de vida para descrever o processo linear de extração, produção e descarte. Para uma indústria C2C, a ideia central é que os recursos sejam geridos em uma lógica circular de criação e reutilização, em que cada passagem de ciclo se torna um novo ‘berço’ para determinado material. Dessa forma, o modelo linear é substituído por sistemas cíclicos, permitindo que recursos sejam reutilizados indefinidamente e circulem em fluxos seguros e saudáveis – para os seres humanos e para a natureza.” (Ideia Circular)

Ou seja, o funcionamento cíclico da Natureza é utilizado como inspiração do Design, de forma que o desgaste de um determinado bem não implica o descarte desse

(Leitão, 2015). Isso pode se dar tanto por reparos do objeto, de modo a prolongar a utilização do mesmo, quanto pelo uso das peças dele para a fabricação de novos bens.

Tal modelo é baseado na Biomimética, ou seja, na imitação de elementos da Natureza no processo de resolução de problemas humanos (Vincent, Bogatyreva, Bogatyrev, Bowyer & Pahl, 2006). Conforme mostra Datchefski (2001), o Biomimetismo possui cinco princípios: cíclico, ou seja, os materiais devem poder ser compostado ou reutilizado; solar, isto é, as matrizes energéticas devem ser renováveis; eficiente, em referência ao uso mais eficiente possível de energia; segurança, o que se refere à não utilização de componentes tóxicos. Como pode-se perceber, a Economia Circular está intimamente relacionada à diminuição das externalidades do processo produtivo.





Somado a isso, percebe-se que Economia Circular tem potencial de causar impactos ambientais positivos. Dados da Ellen Macarthur Foundation mostram que, em um cenário no qual o modelo fosse amplamente circulado na cadeia de produção, o uso de bens de consumo primários seria reduzido em 32% até 2030 e a quantidade de fertilizantes artificiais utilizados no solo reduziria em 2,7 vezes. Assim, percebe-se que os benefícios desse modelo inspiraram uma série de exemplos de aplicações do modelo de Economia Circular ao redor do mundo.

CASES DE APLICAÇÕES DA ECONOMIA CIRCULAR

KAWASAKI ZERO-EMISSION INDUSTRIAL COMPLEX

O case do Complexo Industrial Kawasaki, ainda que não seja diretamente relacionado à indústria têxtil de forma direta, representa uma alternativa que pode ser base de inspiração para novas formas de produção de moda. Isso porque se trata de um caso no qual foi descoberta uma forma de produzir de forma mais sustentável sem que os lucros fossem prejudicados e ainda mantendo a preocupação com o bem-estar da comunidade.

A cidade japonesa de Kawasaki, que, desde a década de 60 abarca um parque industrial, enfrentava sérios problemas relacionados à poluição do ar e da água (Kawasaki Green Innovation, 2020). Devido a isso, em 2002 foi criado o “Kawasaki Zero Emission Industrial Park” (“Parque Industrial Livre de Emissões de Kawasaki”, em tradução livre), cujos impactos ambientais são reduzidos por meio da redução e reutilização de resíduos combinada com o uso de energia reciclada (Kawasaki Green Innovation, 2020).

No parque industrial há um esquema de colaboração mútua entre as empresas que o compõem. Isso se dá pela troca de energia remanescente de cada produção e compartilhamento de estruturas de reciclagem de água (Kawasaki Green Innovation, 2020). Em entrevista, Ken Gaarde, gerente de um parque industrial dinamarquês de modelo semelhante, afirma que essa maneira de produção reduz custos e é vista positivamente pelo mercado, o que aumenta a clientela (Youtube, 2020).



MUD JEANS

Outro exemplo de aplicação da Economia Circular é a Mud Jeans, a qual é uma companhia holandesa que afirma ser a primeira e única empresa circular de jeans no mundo (Mud Jeans, 2021). O modelo de negócio dela consiste em uma espécie de aluguel de peças denim, no qual o consumidor paga parcelas mensais de 9,95 euros pelo uso do item (Mud Jeans, 2021). Após um ano, o cliente pode escolher entre manter a peça para si ou devolvê-la e, caso seja escolhida a segunda opção, a Mud revende o item ou recicla o tecido para utilizá-lo como matéria prima para outros produtos (Mud Jeans, 2021).

A relação do modelo de negócio da Mud Jeans com a Economia Circular pode ser percebida no momento em que a peça, a qual seria descartada, retorna à produção, se tornando um novo produto. Com isso, observa-se mais um caso que demonstra a real aplicabilidade dessa forma de produção, a qual pode ser adaptada a distintos setores da economia.

BRECHÓ LAS HERMANAS

Dentro do contexto brasileiro, percebe-se uma aplicação da Economia Circular sob o ponto de vista dos brechós, os quais estão se tornando cada vez mais populares no país. Similarmente à Mud Jeans, trata-se de um negócio que aplica o conceito da circularidade por meio do uso do material que seria descartado como um novo produto (no caso dos brechós, as roupas podem ou não passar por modificações), de forma a reinceri-lo no mercado e prolongar o tempo de vida dele.

Um dos brechós que tem se destacado no contexto das redes sociais é o Las Hermanas. Criado em 2012, o Brechó Las Hermanas é um bazar localizado em Taguatinga, DF, onde são vendidas roupas de segunda mão, as quais passaram por um processo de seleção pelas donas, as irmãs Lorena e Luciana Castro. Graças à curadoria das empreendedoras, a página do brechó conquistou mais de 65 mil seguidores nas redes sociais, os quais recebem as mensagens de incentivo ao consumo sustentável das administradoras da página.

A loja possui como público alvo mulheres de 18 a 35 anos de ensino superior completo ou incompleto, de renda variando entre 2 a 5 mil reais. Essas clientes estão



presentes em quase todos os estados do Brasil, visto que são feitas entregas para todo o território nacional, mas a maior parte das vendas são feitas para pessoas do Distrito Federal, de São Paulo e do Rio de Janeiro.

MINIMALISMO

Juntamente com a criação de modelos de produção mais sustentáveis, tal qual a Economia Circular, entre os consumidores foram estabelecidas tendências de consumo e comportamento as quais ganharam popularidade na internet. Uma delas é o Minimalismo, definido pela dupla de autores autodenominados The Minimalists como um estilo de vida que usa o desapego (de bens materiais e imateriais) para priorizar os aspectos mais importantes da vida. Essa corrente se tornou mundialmente famosa devido ao livro “A Mágica da Organização” de Marie Kondo, no qual é ensinado um método de ordenação de objetos (Meissner).

Faz-se necessário pontuar, entretanto, que dentro da narrativa minimalista há uma tendência de tornar responsabilidade individual questões do sistema econômico capitalista. De acordo com Meissner, a linguagem utilizada ao definir a “bagunça” que os minimalistas buscam reduzir é usada de maneira vaga, de tal forma que o significado dela passa a ser muito pessoal. Dessa forma, os locutores do movimento dão a entender que objetivo dele é meramente uma questão de estilo de vida, o que leva a um desgaste do potencial transformador que ele teria caso confrontasse com o modo de produção de forma direta.

Conforme mostra Meissner, o Minimalismo que, teoricamente, rejeita o modelo de maximização de consumo, acaba por muitas vezes reforçando paradigmas do individualismo da sociedade contemporânea. De acordo com ela, as ações individuais não são alienadas do ambiente que envolve o agente, de forma que ignorar essa conexão além de não ser realista, desconsidera as condições sob as quais as pessoas estão submetidas. Dessa forma, é questionada a ideia de consumo e produtividade em uma escala individual, mas, no aspecto macro permanece intacto. Tal fator evidencia a necessidade de um debate amplo por parte dos pesquisadores das Ciências Sociais e Econômicas acerca da redução de consumo para que sejam reconhecidas formas de transformações verdadeiramente sistêmicas.



9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre os limites do nosso planeta e da economia frente às consequências do consumo desenfreado e qual o impacto da indústria da moda nesse cenário é bastante longa e multidisciplinar. Dentro das ciências econômicas, diversas vertentes tradicionais dentro da ortodoxia e heterodoxia já se debruçam sobre as hipóteses para o futuro da economia e os impactos sociais sobre a comunidade global, entretanto, novas linhas de pensamentos também têm obtido protagonismo nessas discussões sobre a produção, o crescimento e seu limite. As novas vertentes que debatem a situação bebem da fonte da qual Dennis Meadows se utilizou para criar seu estudo mas apresentam conclusões que não eram inerentes à década de 1960 (MUKHERJEE, 2015). Hoje em dia, a ideia de crescimento zero, abordada anteriormente, está mais associado à concepção de esgotamento forçado do planeta no qual a taxa de crescimento global será reduzida a zero ou muito próximo disso graças a incapacidade do planeta de prover novos recursos naturais e diferença entre a velocidade em que parte desses recursos são recuperados e que raça humana os utiliza (MUKHERJEE, 2015).

Teóricos mais radicais discutem ainda a possibilidade de um grande período futuro de decrescimento contínuo da economia mundial causado pela insuficiência de recursos (MUKHERJEE, 2015). Especialista em Relações Internacionais vem alertando para série de divergências políticas já vigentes no mundo causadas pelas disputas por recursos naturais escassos (MUKHERJEE, 2015). Segundo alguns desses, é possível que acentuação dessas disputas nos próximos anos gere batalhas generalizadas por insumos básicos com baixo índice de recuperação atualmente como: água e petróleo (MUKHERJEE, 2015). Todavia, eles defendem que existem diversas alternativas - várias delas apresentadas nesse texto - para frear ou pelo menos retardar as consequências mais graves. Logo, o que faltam são ações diretas de governos e a sensibilização pública sobre o assunto antes que os pontos de virada para recuperação do crescimento econômico sustentável fiquem cada vez mais longe (MUKHERJEE, 2015).

REFERÊNCIAS

A New Textiles Economy: Redesigning Fashion's Future, 2017. **Ellen Macarthur Foundation**. Disponível em: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/assets/downloads/publications/>



A-New-Textiles-Economy_Full-Report_Updated_1-12-17.pdf>Acesso em: 09 de agosto, 2020.

AIRBNB. **About us**. Disponível em: <https://news.airbnb.com/br/about-us/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Associação Brasileira da Indústria têxtil e de Confecções - ABIT
Disponível: <<https://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Servico/114256.pdf>>
Acesso em: 10, de agosto, 2020

Associação Brasileira da Indústria têxtil e de Confecções - ABIT Disponível em: <<https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>> Acesso em: 08 de agosto, 2020.

BAUMGÄRTNER, S.; HOWARTH, R.b.. **Ecological Economics**. 1. ed. [S.l.]: The Transdisciplinary Journal of the International Society for Ecological Economics, 2016. p. 1-102.

Caraciola, Carolina. A INFLUÊNCIA DA MODA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA The fashion influence in contemporary society. **Moda Documenta: Museu, Memória e Design**, ISSN: 2358-5269 Ano II - Nº 1 - Maio de 2015. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/PSilva.pdf>>Acesso em: 09 de agosto, 2020

ECOIST. **Kawasaki Industrial Park Tries to Achieve Zero Emissions**. Disponível em: <https://www.ecoist.life/en/pickupsinjapan/1406>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **The circular economy in detail**. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/explore/the-circular-economy-in-detail>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ELROD, Cassandra. The Domino Effect: How Inadequate Intellectual Property Rights in the Fashion Industry Affect Global Sustainability. **Indiana Journal of Global Legal Studies**, Indiana University, v. 24, n. 2, p. 555-596, mai./2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2979/indjglolegstu.24.2.0575?seq=1>. Acesso em: 26 jul. 2020.

Estimativas globais da escravidão moderna: trabalho forçado e casamento forçado (2017). **Organização Internacional do Trabalho - OIT**. Disponível: <https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_575479/lang-pt/index.htm> Acesso em: 10 de agosto, 2020

Estimativas globais do trabalho infantil: resultados e tendências, 2012-2016. **Organização Internacional do Trabalho - OIT** Disponível em: <https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_575499/lang-pt/index.htm> Acesso em: 10 de agosto, 2020.



- Global fashion industry statistics - International apparel. **Fashionunited** Disponível em: <<https://fashionunited.com/global-fashion-industry-statistics/>> Acesso em: 09 de agosto, 2020
- KAWASAKI GREEN INOVATION. **Kawasaki Zero-Emission Industrial Complex**. Disponível em: <https://www.kawasaki-gi.jp/english/gi-1-2-9e/>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- KO, E. and LEE, S. (2011), "**Cultural Heritage Fashion Branding in Asia**", Woodside, A.G. (Ed.) *Tourism Sensemaking: Strategies to Give Meaning to Experience (Advances in Culture, Tourism and Hospitality Research, Vol. 5)*, Emerald Group Publishing Limited, Bingley, pp. 89-109.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988. 205p.
- LEASE PAGE. **Mud Jeans**, 2021. Disponível em: <https://mudjeans.eu/pages/lease-page>. Acesso em 18/11/2021.
- Legnaioli, Stella. O que é o fast fashion? **Ecycle** Disponível: <<https://www.ecycle.com.br/5891-fast-fashion>> Acesso em: 4 de agosto, 2020
- LEITÃO, Alexandra. Economia circular: uma nova filosofia de gestão para o século XXI. **Portuguese Journal of Finance, Managment and Account**, Universidade Católica Portuguesa, v. 2, n. 1, p. 1-23, set./2015.
- MANKIW, N. Gregory. **Introdução à Economia**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- MARTIN, Chris J. The sharing economy: a pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism?. **Ecological Economics**, Manchester, v. 121, n. 1, p. 1-11, dez./2015.
- Mc Arthur, Ellen. Um caminhão de lixo de têxteis desperdiçado a cada segundo: relatório cria visão para a mudança. **Ellen Macarthur Foundation** - 28 de novembro de 2017. Disponível: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/news/one-garbage-truck-of-textiles-wasted-every-second-report-creates-vision-for-change>> Acesso em: 10 de agosto, 2020.
- MEISSNER, Miriam. Against accumulation: lifestyle minimalism, degrowth and the present post-ecological condition. **Journal of Cultural Economy**, United Kingdom, v. 12, n. 1, p. 185-200, fev./2019.
- MORGAN, Andrew and ROSS, Michael (2015); **The True Cost** (Documentário).
- MUKHERJEE, Sudeshna. Environmental and Social Impact of Fashion: Towards an Eco-friendly, Ethical Fashion. **International Journal of Interdisciplinary and Multidisciplinary Studies**, Bangalore University, v. 2, n. 3, p. 22-35, nov./2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/72803427.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.



- Mundo tem 40 milhões de pessoas na escravidão moderna e 152 milhões de crianças no trabalho infantil, 18 de Setembro de 2017. **Organização Internacional do Trabalho - OIT**
Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/pt/noticias/WCMS_575482/lang-pt/index.htm> Acesso em: 10 de agosto, 2020
- ONU News. **Fabricantes de vestuário da Ásia somam altos prejuízos por causa da Covid-19.** Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/10/1730352>> Acesso em: 15 de novembro, 2021
- OUR IMPACT. Mud Jeans, 2021. Disponível em: <https://mudjeans.eu/pages/sustainability-our-impact>. Acesso em 18/11/2021.
- O QUE É CRADLE TO CRADLE? Ideia Circular, 2021. Disponível em: <https://www.ideiacircular.com/o-que-e-cradle-to-cradle/>. Acesso em 18/11/2021.
- PAL, Rudrajeet; GANDER, Jonathan. Modelling environmental value: An examination of sustainable business models within the fashion industry. **Journal of Cleaner Production**, Elsevier, v. 184, n. 1, p. 242-263, mai./2018.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios -PNAD (2015)**
Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> Acesso em: 09 de agosto, 2020
- PUBLIC RADIO INTERNATIONAL. **For Bangladesh's Struggling Garment Workers, Hunger Is A Bigger Worry Than Pandemic.** Disponível em: <https://www.publicradioeast.org/post/bangladeshs-struggling-garment-workers-hunger-bigger-worry-pandemic>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- Série de Dados e Fatos Indústria da Moda. **Instituto C&A.** Disponível em: <<https://institutocea.org.br/pt/results/publicacoes-pdf/serie-dados-e-fatos-1-industria-da-moda-v4.pdf>> Acesso em: 09 de agosto, 2020.
- STEFANI, Patrícia. **Moda e Comunicação: A Indumentária como forma de Expressão.**
- Tanji, Thiago. Escravos da moda: os bastidores nada bonitos da indústria fashion. **Revista Galileu**, 23 JUN 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/06/escravos-da-moda-os-bastidores-nada-bonitos-da-industria-fashion.html>> Acesso em: 24 de abril, 2020
- The Global Slavery Index 2018. **Fundação Walk Free.** Disponível em: <<https://www.globalslaveryindex.org/resources/downloads/>> Acesso em: 10 de agosto, 2020



THE TRUE COST MOVIE. **Enviromental Impact**. Disponível em: <https://truecostmovie.com/learn-more/environmental-impact/>. Acesso em: 13 ago. 2020.

THE WORLD. **Wear and Tear series: The women who make our clothes**. Disponível em: <https://www.pri.org/stories/2017-12-04/wear-and-tear-series-women-who-make-our-clothes>. Acesso em: 4 ago. 2020

Trinca, Tatiane. MODA E INDÚSTRIA CULTURAL: UMA RELAÇÃO CONCISA. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 3, 2004.

WWF BRAZIL, 2019. **OVERSHOOT DAY. DIA DA SOBRECARGA DA TERRA**. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/overshootday.cfm>. Acesso em: 3 ago. 2020

Yangming Zhang, Jiayin Qi, Huaying Shu and Jiantong Cao, "**Personalized product recommendation based on customer value hierarchy**," 2007 *IEEE International Conference on Systems, Man and Cybernetics*, Montreal, Que., 2007, pp. 3250-3254, doi: 10.1109/ICSMC.2007.4414194.

YOUTUBE. **Industrial symbiosis in Kalundborg: turning waste into a resource**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiHdMPmzUGo&feature=youtu.be>. Acesso em: 9 ago. 2020.

APÊNDICE A: Entrevista com Lorena Castro

1- Qual é o público alvo do brechó?

O público alvo são mulheres de 18 a 35 anos, que estão na faculdade ou já formaram e tem uma renda de 2mil a 5mil

2- Novas clientes costumam aparecer motivadas mais pela questão ambiental (de consumo sustentável) ou pelo estilo curadoria de vocês?

Acredito que são motivadas pelo estilo de curadoria mesmo e quando ja gostam das peças, a gente faz o trabalho de conscientizar sobre a questão ambiental.

3- Para quais estados vocês já enviaram produtos? E para quais mais enviam?

Todos os estados do sul, sudeste, centro oeste e alguns do norte e nordeste. Os que mais enviamos são São Paulo e Rio de Janeiro.

4- De onde veio a ideia de abrir um brechó?



Nossos pais já tinham brechó há mais de 30 anos, então a gente cresceu nesse meio e desde criança gostamos muito de roupas usadas. Em 2015 começamos a vender roupa na internet como renda extra mas depois deu tão certo que a partir de 2017 vivemos apenas disso.

5- De onde vem as peças? São mais de garimpo que vocês mesmas fazem em brechós ou são mais de vendas de peças de clientes?

Todas as peças são garimpadas e temos alguns fornecedores próprios de roupa vintage também. Não compramos de clientes e nem trabalhamos com consignação.

6- Qual é o lucro médio por peça?

Isso depende muito da peça e do estado de conservação, mas o lucro é sempre mais de 100% por peça.